

CINEFORUM: O FILOSÓFICO O PEDAGÓGICO E O ESTÉTICO NA EDUCAÇÃO

Rosângela Bressan Buosi
Jorge Vieira

Docentes da Universidade Paranaense - UNIPAR

Apresentar algumas vertentes do trabalho com a filosofia, pedagogia e com a estética na educação é o objetivo deste trabalho, que será apresentado em mesa redonda através de recortes de filmes temáticos.

O cinema é um dos mais importantes textos culturais da atualidade. A grandeza do cinema vem do fato de envolver diversas artes e também outras áreas do conhecimento. Segundo Nogueira, 2000, no princípio, o cinema era visto como um espelho que refletia o mundo apresentado diante de sua câmera-olho. Não podia requerer o status de arte - o espelho não produz signos, já que não pode estar por algo. Segundo Santaella, 1998, signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. O signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é. Para Eco, apud Nogueira, signo é tudo que pode ser usado para mentir, e “não se pode mentir com a imagem especular e através dela”, pode-se mentir sobre ela e a seu respeito, o que não é de modo algum a mesma coisa. A imagem especular só existe na presença de sua unidade geradora, não funcionando como substituto, ou seja, não existindo enquanto signo. A arte não é um mero espelho, ela converte o mundo em signos e significados diferentes.

A contemporaneidade está marcada pela hipertextualidade que revela toda uma trama cultural onde o homem “existe” na medida de suas conexões. Nesse sentido, o desvendamento desses textos é imprescindível para a compreensão de nossa cultura. Trabalhar com o cinema é uma das formas de tentar entender os processos sócio-culturais que regem também o mundo extra tela. “Navegar sobre o mar das imagens é intuir, a cada instante, que sob as ondulações expressivas vagueiam, em correntezas mais fundas, cardumes de sentidos que nem sempre se deixam perceber.” (CAÑIZAL, 1987, Apud. NOGUEIRA, 2000)

Sabe-se que a revolução eletrônica invade todos os campos da atividade humana, ou seja, estamos totalmente imersos na cibercultura. O homem está reinventando a vida. Tudo o que a ciência fez pela humanidade até hoje, a tecnologia veio intensificar. Hoje, entre o homem e a realidade, existe a imagem cada vez mais presente nesse cotidiano de luzes e cores. Com toda essa metamorfose, notamos que em nossas escolas ainda somos assombrados pelo modelo de educação linear, portamos o ranço da educação renascentista, estamos vendo o mundo através de “molduras”. Ainda persiste a tendência na educação de sintetizar o olhar em começo, meio e fim. Na velha história em que o príncipe encantado vem em um cavalo branco e salva a princesa de um tenebroso dragão, ou na que a linda princesa beija o sapo e este vira um maravilhoso príncipe, ainda somos reféns da célebre frase “felizes para sempre” como o final da história ideal.

Para Bakhtin, 1989, o signo é tudo aquilo que significa. Porém, nenhuma significação é dada, e sim criada no processo das complexas relações dialógicas de um com o outro. Segundo Machado, 1997, nem mesmo a compreensão do signo escapa ao “olhar extraposto”.

Entendendo como “extraposição”, as relações entre a ética e a estética, abrangendo o que está dentro e o que está fora de um determinado campo de visão. Nesse sentido, torna-se fundamental trabalhar com o olhar estético na educação, educando o olhar para que o aluno possa ampliar seu universo de signos através das interações dialógicas com os diversos tipos de textos, e nesse enfoque, o filme temático torna-se um instrumento para ampliação do universo de visão de educadores, educandos.

Para pensar as realidades do mundo, formar conceitos e agir é necessário ajudar o aluno a fazer, segundo Barthes in Samain, 1999, uma suspensão das coisas no tempo - uma pausa, seu congelamento, mas também uma postura do corpo - pose, que lhe desse todo o tempo de permanecer diante delas, olhá-las, escrutá-las e observá-las intensamente, ampliando o detalhe “em cascata” (cada clichê engendrando detalhes menores que no estágio precedente), compondo e ampliando o foco, para ter tempo de enfim saber.

Para Samain, 1999, assistir a um filme são atos de observação e posturas do olhar muito diferentes. As imagens projetadas de um filme levam o espectador num fluxo temporal contínuo, que procura seguir e entender. Diante da tela, somos viajantes e navegadores. Posturas diferentes do olhar, sobretudo maneiras diferentes de ver e de pensar o mundo na sua descontinuidade, na sua fragmentação, no seu recorte, na sua extraordinária singularidade. O autor enfatiza que Barthes levanta um problema cognitivo e epistemológico sério. Existem - atrás e dentro das matrizes imagéticas - fotografias, cinematográficas, videográficas, informáticas, lógicas, operações cognitivas, posturas filosóficas, visões e apreensões singulares de mundo, que temos ainda que descobrir e pôr à luz.

Nesse sentido, faz-se necessário um trabalho diferenciado com filmes temáticos para educar o olhar e o sentir. Entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, entre o feio e o belo, porque para falar em diferenças e em contrapontos é necessário assumir as semelhanças, se existem diferentes primeiro existem os semelhantes, as mudanças que ocorrem oscilam em algo que muda e em algo que permanece.

Referências

- MACHADO, I. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.
- NOGUEIRA, M. E. Surrealismo e carnavalização: uma experiência cinematográfica. In: RUBIM, A.(Orgs.) **O olhar estético na comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SAMAIN, E. Um retorno à “câmara clara”: Roland Barthes e a Antropologia Visual. In: RUBIM, A.(Orgs.) **O olhar estético na comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1998.